

Zélia fará discurso contra os países ricos

Nagoya(Japão) — A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, reafirmará hoje, ao discursar perante a Assembléia Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o repúdio do Governo brasileiro à decisão do Grupo dos Sete, que reúne os países mais ricos do mundo, de bloquear um empréstimo de 350 milhões de dólares do BID ao Brasil para pressionar o País a chegar a um acordo com os bancos. Mas o clima de confronto que o assunto chegou a criar nos últimos dias parecia bastante dissipado ontem.

Empenhado em evitar que a reunião do BID se transforme num foro de recriminações, o presidente da instituição, Enrique Iglesias, colocou Zélia entre o ministro das Finanças do Japão, Ryutaro Hashimoto, e o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, na mesa de honra do jantar que ofereceu aos governadores do banco ontem à noite no Hotel Nagoya Castle. Mulford tem liderado as ações de pressão do G-7 contra o Brasil. Hashimoto apoiou a iniciativa americana, numa demonstração da profunda irritação com que as autoridades e o empresariado japonês vêem a posição brasileira na questão da dívida.

Com certa relutância, Zélia aceitou na tarde de ontem falar com os jornalistas brasileiros que

cobrem a reunião. Disse que não tinha nada a dizer e limitou-se a indicar apenas que manterá o tom da incisiva declaração oficial distribuída pelo Governo na semana passada para condenar a iniciativa do G-7 no BID como inaceitável.

A ministra terá um encontro com seu colega japonês no fim da tarde de hoje, antes de partir para Tóquio, onde manterá reuniões com representantes do setor privado.

Um integrante da comitiva de Zélia disse que não haverá anúncio de acordo sobre juros atrasados com os bancos antes de amanhã. Embora o acordo esteja praticamente fechado, o momento para sua confirmação oficial passou a ser calculado pelo Governo em função do desejo de marcar a posição do País sobre o uso indevido do BID pelo G-7 para pressionar um país membro, em dia com a instituição, a fazer concessões aos bancos.

O governo japonês não assumirá nenhum compromisso claro de contribuir para o fundo de investimentos de 1,5 bilhão de dólares para a América Latina que os Estados Unidos propuseram no ano passado como parte da iniciativa para as Américas, do presidente George Bush. O fundo, a ser administrado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, receberia contribuições iguais dos

EUA, do Japão e da Comunidade Econômica Européia.

Washington esperava que o ministro das Finanças do Japão, Ryutaro Hashimoto, confirmasse a participação japonesa durante a reunião anual do BID, que começa hoje em Nagoya. Altos funcionários do Ministério das Finanças advertiram, no entanto, que o ministro não fará nenhuma promessa que inclua cifrões. "Se os latino-americanos estão esperando presentes, eles ficarão desapontados", afirmou um assessor de Hashimoto.

Bastidores. — Nos bastidores, o Governo brasileiro está usando argumentos fortes para denunciar a iniciativa dos EUA de bloquearem o empréstimo do BID de 350 milhões de dólares ao Brasil. A idéia é mobilizar o apoio político dos países membros da instituição para reverter a medida.

A ação americana, apoiada pelas principais nações industrializadas, foi duramente criticada por vários países europeus e a totalidade dos latino-americanos. Em Brasília foi vista como um ato que beira à irresponsabilidade, pois põe em risco a classificação de crédito do BID, que permite à instituição pagar a menor remuneração do mercado de capitais pelos recursos que levanta para alimentar suas linhas de financiamentos na América Latina.

REUTER



Enrique Iglesias (D), presidente do BID: boas perspectivas